Acervo ISA

LUX JORNAL

A CRÍTICA
MANAUS - AM

PUBLICADO EM:
16 NOV 1995

190 | 272 | 7640 | 66 | 1

ÍNDIOS MUNDURUCUS

Tribo no Pará sofre com malária e barata

BELÉM, PA — O crescimento de casos de malária no Pará fez com que a doença atingisse este ano 27% dos 4.500 índios mundurucus, em Jacareacanga (1.250 km a sudoeste de Belém). Pelo menos 26 índios morreram desde janeiro. Segundo a Secretaria Estadual de Saúde, foram registrados neste ano 70 mil casos de malária no Estado. A secretária de Saúde do Pará, Elisa Vianna Sá, disse que 300 mil pessoas podem ser contaminadas até o final do ano. A Funai (Fundação Nacional do Índio) registrou, entre os mundurucus de Jacareacanga, 1.207 casos de malária de janeiro até outubro.

O administrador regional da Funai, Walter Azevedo Tertulino, disse que são registrados 120 novos casos da doença entre os mundurucus por mês. A previsão é de 1.447 casos até o final do ano — mais que o dobro dos 720 casos registrados entre os índios em 1993. Também é grande a incidência de hepatite, verminoses, diarréia infecciosa, conjuntivite e gripe, com quase 3.000 casos registrados em 1995.

Em Jacareacanga, os missionários do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) e a Funai explicam que o aumento das doenças é devido à alta concentração de garimpos no rio Tapajós. Segundo os dois órgãos, são mais de 500 garimpos ao longo do rio. A área tem grande concentração de mosquitos anófeles (transmissores da malária) que picam garimpeiros doentes e infestam os índios. Os garimpos também poluem a água do rio que banha a aldeia, causando hepatite e diarréias.

O Cimi, ligado à Igreja Católica, aponta também que toda a tribo paracanã, em Altamira (460 km a sudoeste de Belém), foi contaminada pela malária. Segundo a missionária Terezinha Vieira, 32, cada um dos 209 paracanãs já foi infectado, em média, três vezes só neste ano. Terezinha, que trabalhou como professora na aldeia, disse que pegou malária duas vezes.

Além dos paracanãs, segundo o Cimi, há malária nas outras oito áreas indígenas do município. Terezinha Vieira, que disse ter saído da aldeia por pressões da Funai, afirmou que não há uma assistência regular aos índios, que sofrem também com a pneumonia, gripe, tuberculose e até vitiligo.

Segundo a freira Maria José Alves de Lima, a ação da Funai e da FNS (Fundação Nacional de Saúde) é mínima. "Não há médicos e os remédios são insuficientes", afirmou. Segundo ela, os remédios usados são doações de entidades alemãs.

O vereador de Jacareacanga Hans Kabá (PSDB), índio mundurucu, esteve na última segunda-feira na administração regional da Funai em Itaituba (1.000 km a sudoeste de Belém) para pedir a doação de um carro para transporte de doentes. "Os poucos remédios que chegam na aldeia não duram uma semana", afirmou. Segundo ele, sua tribo corre o risco de deaparecer do mapa se as doenças continuarem aparecendo na mesma velocidade que ocorre atualmente.

Baratas — Além da malária, milhares de baratas invadiram a aldeia dos paracanãs, em Altamira (460 km a sudoeste de Belém-PA). "São centenas em cada casa. Elas atacam toda a comida, passam nas pessoas enquanto dormem e até roem o rosto das crianças", disse Terezinha Vieira.

Segundo ela, depois da invasão das baratas, alguns índios apresentaram problemas de pele. Ela disse que os insetos atacam principalmente à noite. Os remédios de que a tribo dispõem não se têm revelado eficazes no combate às doenças que surgiram depois do surto.

"Quando os paracanãs acordam de manhã, encontram uma camada negra que se move sobre os alimentos. São as baratas ou, como dizem os índios, 'tori-peronas' (bicho do branco)", denunciou a freira. Ela disse que é necessário tomar providências urgentes para evitar a proliferação dos insetos, que estão dominando a aldeia.

"Preocupante" "A situação da malária não é alarmante. É preocupante", disse o administrador regional da Funai (Fundação Nacional do Índio) em Itaituba (PA), Walter Azevedo Tertulino. Ele é responsável pelos índios mundurucus.

Tertulino declarou que a Funai faz "o máximo que pode" com os recursos de que dispõe. Mas, segundo ele, faltam médicos, combustível e equipamentos.

O administrador alega que o problema principal é provocado pela falta de pessoal para o trabalho de assistência às aldeias. "Não há uma profilaxia (trabalho de prevenção à doença) regular. Nós e a FNS (Fundação Nacional de Saúde) temos cem pessoas para cobrir Jacareacanga, Itaituba, Trairão, Rurópolis e Novo Progresso." Esses municípios ficam no sudoeste do Pará. A área total supera os 15 milhões de hectares (quase duas vezes o tamanho de Portugal).

São 4.500 índios que vivem a 1.200 km de Belém e não estariam recebendo assistência devida da Funai e FNS

O chefe da equipe de Serviços Especiais de Saúde da FNS em Belém, Arthur Morbach, disse desconhecer os problemas. "As unidades locais fazem um trabalho sistemático. Se houvesse um surto grave de malária, a Funai entraria em contato", afirmou.

O administrador regional da Funai em Altamira, Benigno Pessoa Marques, negou que toda a tribo paracanã tenha malária. "Essa missionária Terezinha se mete na saúde, na administração, em tudo. Há a doença, mas em níveis controlados", afirmou. Benigno lembrou que a malária existe em toda a Amazônia, sendo uma doença endêmica na região por causa da facilidade que os mosquitos têm para proliferar, mas, enfatiza que dificilmente uma epidemia passaria despercebida da vigilância.

Marques disse desconhecer os casos de turberculose e vitiligo. Segundo ele, borrifos de veneno contra o mosquito são feitos regularmente, com o inseticidade DDT, aproveitando a experiência dos funcionários da Fundação Nacional de Saúde (FNS) que trabalharam na extinta Superintendência de Campanhas (Sucam) e que ficaram conhecidos na Amazônia como "mata-mosquitos".

O responsável pelos índios paracanãs enfatizou que "baratas também existem. Mas é como em qualquer casa ou qualquer aldeia indígena". Ele contestou as informações da freira de que os índios tenham acordado "com os corpos enegrecidos pelas baratas".